

INFORMANDO

Por Lucas Rocha

Autor afirma que jovens devem sair de casa aos 18; leia trecho



Você sabia que estar sempre de mal consigo mesmo e não conseguir agir por conta própria é um problema que pode ter origem na infância? Pelo isso é isso que afirma Robert Anthony, especialista em psicologia comportamental, em **"Os Segredos da Autoconfiança"**.

De acordo com o autor, quando os pais fazem tudo o que os filhos querem, sem lhes dar nenhuma responsabilidade, há grandes chances da criança se tornar um adulto inseguro. "Ao passar os seus primeiros 18 anos se apoiando em outras pessoas e dependendo delas, as crianças são moldadas para fazer o papel de prisioneiras, com privilégios no caso de bom comportamento", escreve Anthony. Ele ainda ressalta que isso é típico do comportamento humano, já que todas as espécies de animais empurram os descendentes para o mundo pouco tempo após o nascimento.

Partindo desse princípio, o especialista defende uma posição polêmica. Para ele, os jovens devem sair de casa no máximo até completarem 18 anos ou concluírem o ensino médio. Segundo ele, isso faz com que eles se tornem independentes e mais seguros de suas atitudes.

Leia abaixo um trecho extraído do livro.

Quando criança, você não sabia e nem se importava com o que estava acontecendo no mundo à sua volta. A sua única preocupação era com o seu bem-estar. A impotência o tornava dependente do que os outros lhe davam e faziam por você. A sua maior alegria era ser alimentado, abraçado e afagado. O seu maior interesse era obter o máximo possível de atenção.

Logo descobriu que, se começasse a chorar, conseguiria um adulto para cuidar de você. Mesmo que estivesse apenas entediado, era só chorar que alguém geralmente aparecia para confortá-lo. Sorrir também funcionava muito bem. Sendo assim, você logo aprendeu a sorrir quando alguém o pegava no colo e a chorar quando a colocava no berço.

Esse simples exercício de manipulação estabeleceu o ritmo do resto da sua vida. Você passou a infância inteira desenvolvendo habilidades que causariam uma boa impressão nos outros e os levariam a prestar atenção em você. Desse modo, nesse primeiro estágio da sua vida você já estava programando a si mesmo para depender da aprovação de outras pessoas e se sentir rejeitado quando os outros desaprovassem o que você fizesse. Um comportamento desse tipo é compreensível em uma criança, mas em um adulto significa autodestruição. Se você ainda tenta manipular os outros *para que façam o que você é suficientemente capaz de fazer sozinho*, você não pode se considerar emocionalmente maduro.

Um hábito crescente na nossa cultura é o de fazer cada vez mais pelos filhos, esperando-se cada vez menos deles. Os pais, culpados por isso, estão inconscientemente enganando a sua prole ao permitir que eles permaneçam dependentes com relação a coisas que poderiam estar fazendo sozinhos. Ao passar os seus primeiros 18 anos se apoiando em outras pessoas e dependendo delas, as crianças são moldadas para fazer o papel de prisioneiras, com privilégios no caso de bom comportamento. É interessante observar que esse é um fenômeno humano. Pouco depois do nascimento, todas as outras espécies de animais empurram os filhos para o mundo, onde logo aprendem a ser independentes.

O maior presente que qualquer pai ou mãe pode dar aos filhos é ajudá-los a tornar-se autoconfiantes fazendo com que sejam autossuficientes. As crianças devem receber o máximo de responsabilidade com a qual sejam capazes de lidar, qualquer que seja a faixa etária. Somente por meio da independência é que elas experimentarão a alegria, o privilégio e a dignidade decorrentes do fato de serem responsáveis pelos seus próprios atos.

Os pais têm a responsabilidade fundamental de fazer com que a transição da dependência para a autossuficiência dos filhos seja suave. Deve ser permitido às crianças cometer erros para aprender com eles; caso contrário, será compreensível, anos mais tarde, precisarem fazer algo sozinhas, elas digam: "Não consigo!" A menos que tenham certeza do resultado, elas se recusam a experimentar qualquer coisa porque os seus pais superprotetores sempre acolchoaram o seu caminho.

Todas as vezes em que você faz alguma coisa que alguém poderia perfeitamente fazer sozinho, está literalmente roubando a pessoa. Quanto mais você se importa com uma pessoa, mais alerta precisa ficar para verificar se não a está privando da oportunidade de *pensar* e *agir* por si mesma, sejam quais forem as consequências físicas ou emocionais. Isso é verdade não apenas nos relacionamentos entre pais e filhos, mas também no casamento, no resto da família e em todos os relacionamentos interpessoais. Não podemos viver a vida de outras pessoas ou carregar o fardo delas, não importa o quanto as amemos.

O cordão umbilical deve ser cortado quando as crianças chegam ao início da adolescência. Acredito que devemos exigir que elas encontrem um *lugar para morar* no máximo até completar 18 anos ou concluírem o ensino médio. Muitos pais se revoltarão com essa ideia por razões que, para eles, parecem lógicas. Mas o fato é que nada confere mais autossuficiência a um jovem adulto do que precisar morar sozinho.

É interessante que, quase sem exceção, as pessoas que alcançaram um sucesso excepcional em todas as especialidades, inclusive nos negócios, no governo, nas artes e nas ciências, são pessoas que foram separadas dos pais por adversidades ou que decidiram se emancipar nos primeiros anos da idade adulta.

Ouvimos desculpas do tipo: "Queremos ajudá-los enquanto estiverem na faculdade", "Será financeiramente melhor para eles se morarem conosco", "É só até eles deslancharem", "Eles simplesmente não têm como custear uma casa e ao mesmo tempo frequentar a faculdade", e assim por diante. Superficialmente, pode parecer que os pais estão fazendo isso pelo filho, mas em geral a motivação é *satisfazer as suas próprias necessidades*.

Os pais que aceitam e tomam essa atitude por certa apenas adiam e tornam mais difícil o dia decisivo no qual os filhos precisarão enfrentar sozinhos o mundo adulto. Por meio do uso equivocado do amor paterno e materno, os pais encorajam a sua prole a continuar se apoiando, dependendo e esperando receber ajuda e apoio dos outros como se ainda fossem crianças.

Mas veja bem, quero deixar claro o nosso ponto de vista. Não estamos dizendo que você não deve ajudar nem dar nada para o seu filho, para o seu parceiro ou para o resto de sua família. O que estamos dizendo é que você precisa dar-lhes liberdade individual para *fazer o que sentem que devem fazer a fim de crescer e se desenvolver*. Você está sendo generoso quando os auxilia. Dê a eles amor, estímulo e reconhecimento pelo que realizarem. Esses são os elementos vitais para o seu crescimento, e eles não podem oferecer a *si mesmos*. Até mesmo a ajuda financeira deve ser analisada com cuidado. Não há nada errado em querer ajudar a criança financeiramente, mas isto deve ser feito com a condição de que a quantia será reembolsada no futuro.

A única alternativa para as pessoas que não desenvolveram a autossuficiência é usar a manipulação para conseguir o que querem. Se você não for autossuficiente, dependerá da sua capacidade de convencer as pessoas de servir e de satisfazer as suas necessidades. *Se você usar os outros como um veículo que o conduza no decorrer da vida, você não poderá de modo nenhum ultrapassar os limites que se tornam capaz de convencê-los a carregá-lo*. Se você for pai ou mãe, tenha sempre consciência de quais medidas poderão fazer com que o seu filho continue dependente, pois, caso elas sejam tomadas, ele pagará caro tarde demais.

"Os Segredos da Autoconfiança"

Autor: Robert Anthony

Editora: Best Seller

Páginas: 224

Quanto: R\$ 39,60 (preço especial, por tempo limitado)

Onde comprar: Pelo telefone 0800-140090 ou pelo site da **Livraria da Folha**. Folha de São Paulo, março de 2011.

A quitinete é a nova senzala (MALU FONTES)

O DIABO, sabe-se, mora nos detalhes. Uma matéria aparentemente desprezível, exibida na edição da última terça-feira do *Bom Dia Brasil* (Globo), traduz os níveis de sofisticação atingidos pelo capitalismo contemporâneo no processo de transformação voluntária, consentida e dócil da mão-de-obra assalariada, embora 'diferenciada', que move as engrenagens do mundo. Com ares publicitários e entre sorrisos literais, os âncoras do *Bom Dia*, Renato Machado, Renata Vasconcelos e Carla Vilhena, anunciavam em tons festivos e celebratórios a mais nova tendência do mercado imobiliário em São Paulo: o *boom* de construção de apartamentos de um dormitório, com no máximo 30 metros quadrados, que vendem hoje mais que pão quente. E não são para solteiros nem para recém-formados,

mas para famílias pequenas com objetivos muito claros: melhorar a qualidade de vida (sic), não tendo que cuidar de lares maiores, que dão muito trabalho e exigem empregado doméstico, aliado ao fato de não perder tempo no trânsito e, principalmente, morar perto do trabalho. Os apresentadores, sempre entre sorrisos típicos de quem anuncia um design novo de algo fundamental e redefinidor, para melhor, da vida contemporânea, anunciavam, num tom menos para o jornalismo e mais para o publicitário, o quanto é mais fácil, barato e prático trocar um apartamento comum ou uma casa mais confortável por um armário de 30 metros quadrados desde que essa troca seja justificada pelo auto-engano da conquista de mais qualidade de vida por morar perto do trabalho e não perder mais tempo no trânsito.

ESCRAVO FELIZ - Traduzindo a sutileza, admite-se, usando como logomarca argumentativa a 'evolução das quitinetes', que, para servir bem ao senhor mercado de trabalho, é preciso, cada vez mais, estar próximo dele, fundir-se com ele, mesmo que, para isso, seja necessário encaixotar uma família com filhos em 30 metros quadrados e anunciar ao mundo que esta é uma decisão sábia, pragmática e, sobretudo, em favor da qualidade de vida. Em outras palavras, para ser um escravo mais feliz e mais eficiente, é preciso inventar uma nova senzala, uma nova extensão da nova casa grande. A senzala agora atende pelo nome de evolução inteligente da quitinete do passado e o escravo, mesmo livre para fazer escolhas, escolhe viver num caixote doméstico para chegar mais cedo e servir melhor ao patrão.

Entretanto, para além das leituras em torno dos significados em torno da opção voluntária de viver para o emprego e em função deste, mesmo que dentro de uma caixa de cimento, chamava atenção na abordagem do *boom* das novas quitinetes, agora familiares, a ausência de qualquer elemento contraditório que aproximasse o fenômeno das características mais óbvias que o geram: a concentração de gente nos grandes centros urbanos, a falta de espaço para moradias mais saudáveis, a deficiência das redes de transporte público no Brasil e, sobretudo, os níveis de concessões que as pessoas estão, e precisam estar, dispostas a fazer em nome da disponibilidade para o trabalho inversamente proporcional à qualidade da vida privada e familiar. Ou alguém acredita que um emprego vale o custo de viver uma relação familiar, com filhos, em 30 metros? Quanto ao tom da matéria produzida pelo *Bom Dia*, nem a mais sofisticada campanha publicitária de uma incorporadora voltada para a venda de imóveis de 30 metros, embalados como a solução mais inteligente, pragmática e saudável para quem quer trabalhar feliz, conseguiria ser mais eficiente que a abordagem jornalística feita no *Bom Dia* sobre o fenômeno. Embora a intenção da matéria possa estar longe de ter sido essa, o resultado final da abordagem converteu-se num daqueles emblemáticos casos em que a fronteira entre a informação e a propaganda dilui-se quase que completamente. Mesmo porque, nesse caso específico, alguma desvantagem ou desconforto deve haver no ato de fazer caber uma família num cubículo de 30 metros. E estes passaram longe da matéria celebratória.

MORAR NO SHOPPING - Uma tendência em todos os grandes centros urbanos brasileiros, o fenômeno do apelo imobiliário para que as pessoas se mudem para endereços próximos ao trabalho amplia-se e, no caso de Salvador, chama atenção a profusão de anúncios de apartamentos convidando as pessoas para desfrutar da comodidade que é morar não apenas nas proximidades dos principais endereços comerciais da cidade como também para que as pessoas escolham apartamentos praticamente dentro, de tão próximos, dos principais shopping centers. Não é à toa que em torno de alguns deles erguem-se hoje verdadeiras colônias de apartamentos residenciais. Ou seja, a vida doméstica e cotidiana vem sendo convidada, cada vez com mais ênfase e em nome da comodidade, para se mudar literalmente para dentro dos templos do consumo e para as senzalas contemporâneas, as imediações do trabalho. E mesmo nos endereços novos onde não é assim, o comum é destacar nos anúncios não o tamanho dos apartamentos, mas a extensão das áreas comuns do edifício. Para que um quarto confortável em extensão suficiente para as portas dos armários se abrirem se o playground é amplo?

MALU FONTES é jornalista, doutora em Comunicação e Cultura e professora da Facom-UFBA. Texto publicado originalmente em 27 de fevereiro de 2011, no jornal A Tarde, Salvador/BA. maluzes@gmail.com

A frente gay no paredão do Congresso

Vencedor do programa BBB, o deputado Jean Wyllys tenta criar uma bancada em defesa dos direitos dos homossexuais, mas esbarra na resistência dos parlamentares com aversão ao tema

(ANA ARANHA)

A chegada do deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ), primeiro gay assumido a levantar a bandeira do movimento, provocou agitação no Congresso. Liderado pelo deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ), um grupo começa a se alinhar em uma bancada informal antigay. Ela é formada por deputados da Frente Evangélica, somados aos da Frente da Família e a outros que compartilham a contrariedade em ver a discussão sobre direitos homossexuais avançar.

Wyllys começou seu mandato na ofensiva. Ele vai propor um projeto de lei que institui o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, em vez de insistir apenas na regulamentação da "união civil" – termo adotado por alguns integrantes do movimento gay, para evitar a discussão no campo religioso. "Tem de ser casamento civil porque é o mesmo direito para todos", afirma. "Quando um cônjuge morre, o parceiro da união estável só tem direito a herança se não houver nenhum herdeiro direto. Já no casamento, ele é herdeiro direto." Sua primeira ação, como deputado, foi recolher assinaturas para a Frente Parlamentar pela Cidadania GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros).

Na semana passada, Wyllys sentiu uma pequena demonstração do incômodo gerado por sua movimentação. Menos de 24 horas depois de ter começado a percorrer a Câmara pedindo assinaturas para a Frente, sua página no [Facebook](#) foi bloqueada. Isso ocorreu porque uma série de usuários da rede fez uma ação coordenada para denunciar a página como falsa. Wyllys diz que sabia que sua presença iria provocar reação e que está preparado para o embate. Jornalista e professor universitário, ele demonstrou habilidade para o debate público quando ganhou o programa Big Brother, em 2005, contra um grupo de participantes que tinham em comum o orgulho da masculinidade. Na arena política, porém, vai enfrentar opositores mais experientes.

A principal voz na Câmara contra a discussão sobre direitos dos homossexuais é a de Bolsonaro, deputado no sexto mandato e capitão do Exército. Enquanto os representantes da Frente Evangélica e os da Família medem as palavras ao tecer críticas aos projetos que combatem a homofobia, Bolsonaro é desabrido e promete enterrar os projetos do colega (*leia as entrevistas de Wyllys e Bolsonaro abaixo*).

Segundo João Campos (PSDB-GO), líder da bancada evangélica, o grupo respeitará as posições de Wyllys e de sua Frente. Um dos pontos de atrito entre eles é o material contra a homofobia, a ser distribuído pelo Ministério da Educação nas escolas. "Somos contra discriminação, mas não queremos que o governo faça apologia da homossexualidade", diz Campos. No Senado, a Frente Parlamentar pela Cidadania GLBT é liderada pela senadora Marta Suplicy (PT-SP), que desarquivou o projeto de lei que torna a homofobia crime. Marta e Wyllys começam a procurar parlamentares simpáticos a seus projetos. "Vamos atrás dos que se inclinam a nos apoiar, mas não têm coragem por questões eleitorais", diz Marta. Não foi difícil mapear o inimigo. Wyllys precisa, agora, encontrar os aliados para o dia do paredão.



Jean Wyllys: "O movimento GLBT chegou"

O deputado estreante pretende propor o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, uma evolução da união civil

ÉPOCA – Qual é a pauta da Frente GLBT?

Jean Wyllys – Primeiro, a defesa do projeto Escola Sem Homofobia. Depois, também vou protocolar o projeto de casamento civil [entre pessoas do mesmo sexo]. Vou propor e protocolar no dia do lançamento da frente. Existe um projeto tramitando de união estável, nós vamos propor outro. Não é "casamento gay". Quando a imprensa coloca assim, provoca um equívoco quanto à noção do sacramento do casamento. Não estamos tratando disso, mas de um direito civil. O Estado é laico e o casamento é um direito civil, ele tem que ser estendido ao conjunto da população, independente da orientação sexual e identidade de gênero. Se os homossexuais têm todos os deveres civis, então têm que ter todos os direitos. É assim que funciona uma república democrática de verdade.

ÉPOCA – E o projeto que criminaliza a homofobia?

Jean Wyllys – O projeto que criminaliza a homofobia foi desarquivado agora pela senadora Marta Suplicy, que faz parte da Frente no Senado. Esse projeto altera a lei do racismo e inclui discriminações por identidade de gênero e orientação sexual. Essa lei não vai proibir ninguém de continuar odiando

homossexual, para aqueles que odeiam. Quem quiser que continue alimentando seus ódios, privadamente. É um direito. Agora, publicamente ela não pode impedir um homossexual de acessar um direito e nem de expressar publicamente a sua sexualidade. E quase sempre o homossexual é impedido de acessar um direito e expressar sua homossexualidade de maneira violenta.

ÉPOCA – Como é a reação a suas ideias?

Wyllys – Meu Facebook foi tirado do ar em uma ação orquestrada. É natural que minha presença na Câmara provoque uma reação. O movimento GLBT chegou ao Congresso. Por enquanto, não tive muito contato com os deputados da bancada evangélica e cristã. Vou ter esse contato porque estou reestruturando a Frente Parlamentar pela Cidadania GLBT. Ela existiu com o nome Frente Parlamentar pela Livre Expressão Sexual, mas como a maioria das frentes aqui, não tinha uma agenda de atividades e ação concreta. A primeira decisão que tive, depois de uma conversa com a Associação GLBT, é que a frente vai funcionar de verdade. Acho que há condições de criar um ambiente propício. Mesmo no contato com a bancada evangélica, embora muitos deputados tenham se colocado publicamente. Eu acredito no meu papel pedagógico, de sentar e explicar as questões que merecem ser explicadas para que os preconceitos sejam derrubados. Eu não sei se vai haver terreno fértil do outro lado. Mas para mim o exercício da política é esse.

ÉPOCA – Como vê a reação contra o programa que combate a homofobia na escola?

Wyllys – É uma ignorância que persiste por má-fé. O material não ameaça os valores cristãos. Pelo contrário, ele assegura algo que é valioso para os verdadeiros cristãos: o valor da vida e o respeito ao outro. Quem fala o contrário fala por má-fé, porque não quer ver seus espaços de poder ameaçados.

ÉPOCA – O deputado Bolsonaro diz que o material incentiva a homossexualidade.

Wyllys – Bolsonaro é a caricatura de um deputado nostálgico de tempos sombrios de ditadura e repressão às liberdades. Às vezes penso que nem ele acredita no que diz. É mais para produzir um efeito midiático e despertar o que há de pior nas pessoas para ter ganho eleitoral. Ele faz uso da ignorância popular e dos preconceitos que são reproduzidos e dos quais as pessoas não se livram exatamente porque não há um projeto sério que radicalize na defesa dos direitos humanos no país.

ÉPOCA – Como avaliou o material do kit Escola Sem Homofobia?

Wyllys – O material cumpre a função a que se propõe. Ao contrário do que alguns deputados de orientação evangélica têm falado, cumpre muito bem o que se propõe sem ferir brios, sem ferir a moral. É um material muito bem elaborado que contribui para construir uma cultura livre de direitos humanos e diversidade na orientação sexual nas escolas, que é hoje o espaço privilegiado de reprodução da homofobia.

ÉPOCA – Como o material vai mudar essa realidade?

Wyllys – Ele é destinado aos formadores de opinião dos alunos, aos monitores e professores. Hoje o *bullying* e a homofobia são praticados largamente pelos alunos, mas também pelos professores que não reconhecem outras sexualidades que a heterossexualidade. Quando reconhecem, é sempre numa perspectiva de discriminação, de algo menor. Por exemplo, os professores de ensino médio tem uma dificuldade enorme de lidar com as transexuais e travestis. Não deixam que usem o nome social e, quando usam, transformam em objeto de injúria – o que faz essas alunas abandonar a escola. Os professores não sabem lidar com os alunos afeminados, que fogem dos papéis de gênero definidos pela sociedade. Eu fui um menino que fugia das normas. Não curti futebol, das brincadeiras de briga. Eu gostava de desenhar e de ler e por isso eu sofria muito e não era protegido pelos meus professores. Muito pelo contrário, eu era constrangido a me enquadrar naquele modelo ali.

ÉPOCA – Alguma vez o senhor sofreu violência por parte dos professores?

Wyllys – Violência física não, mas simbólica constantemente. Os professores sempre me constrangeram. Eles diziam 'tome jeito de menino'. Só não sofria mais porque era um excelente aluno. O material do projeto Escola sem Homofobia incide no imaginário desses professores, sensibiliza-os para outras realidades. Principalmente os vídeos que dramatizam as histórias de vida. Em um país como o nosso, em que a telenovela tem papel preponderante na formação das mentalidades, a dramatização das histórias das vítimas da homofobia é fundamental para sensibilizar o professor para essa outra existência violentada permanentemente. Além disso, tem um material escrito que explica o

que é identidade de gênero de maneira didática. Para que as pessoas compreendam, por exemplo, que existem pessoas como as transexuais e que a maneira delas se perceberem não está de acordo com o que a natureza lhes deu. A saúde psíquica dessas pessoas depende da aceitação do outro. O professor tem que entender que existem diferentes orientações sexuais e que o papel de gênero do menino pode ser dilatado. Quem foi que recebeu um fax dos céus dizendo que menino se comporta dessa e não daquela maneira? Que tem que gostar dessa ou daquela cor? A escola tem que ser um campo aberto para a pluralidade de comportamentos e existências.

Jair Bolsonaro: "Vamos fazer de tudo para enterrar"

Capitão do Exército, o deputado não reconhece a legitimidade da discussão sobre direitos dos homossexuais



ÉPOCA – Como vê a criação da Frente Parlamentar pela Cidadania GLBT?

Jair Bolsonaro – O primeiro passo para desgraçar um país é mexer na célula da família. Eles vão atacar agora o ensino fundamental, com o “kit gay”, que estimula o “homossexualismo” e a promiscuidade. Tem muito mais violência no país contra o professor do que contra homossexuais. Quando eles falam em agressões, é em horário avançado, quando as pessoas que têm vergonha na cara estão dormindo. A regra deles é a porrada e querem acusar nós, os normais, os héticos.

ÉPOCA – O senhor não teme estimular a violência com essa retórica?

Bolsonaro – Negativo. Só quero que a opção sexual se revele na intimidade do quarto, não obrigar um padre a casar um gay. O bigodudo vai dar um beijo na boca do careca, na frente dos convidados, e isso é legal?

ÉPOCA – Como vai ser o diálogo com o deputado Jean Wyllys?

Bolsonaro – Vou ter atrito com ele no campo das ideias e dos projetos, que vamos fazer de tudo para enterrar nas comissões. Se depender de mim, e de muitos outros, não vai para a frente. Em nome da família e dos bons costumes. Eles vão querer o quê? Vamos colocar um espanador na orelha? Vão vender os serviços de “homossexualismo” deles, é isso?

ÉPOCA – Se a homofobia virar crime, o senhor vai parar de criticar os gays?

Bolsonaro – Tenho imunidade para falar. Não vou medir palavras. Eu defendo a pena de morte, que é mais grave que criticar homossexual. O pessoal me chama de retrógrado, dinossauro, mas a verdade é que o Brasil está piorando desde o fim do regime militar.

ÉPOCA – O kit contra homofobia nas escolas não é importante para reduzir a violência contra os alunos gays?

Bolsonaro – Não tem nada a ver. Ele está estimulando o homossexualismo e a promiscuidade. Dependendo do público que você permite a informação, vai deturpar. Nesse kit, consta três filmetes, um deles é o “Encontrando Bianca”. A história é esquisita. É um menino, que pinta as unhas, que quer ser chamado de Bianca, que quer frequentar o banheiro feminino. E no final ele passa a ser uma referência na escola. Eles alegam que é da 5ª série em diante, mas não tem como você botar uma linha porque os prédios são de 1ª à 9ª série, como vai dizer que aqui só pode ver quem está na 5ª série para cima?

ÉPOCA – Qual é o problema do filme?

Bolsonaro – É um estímulo ao homossexualismo. É uma porta aberta para a pedofilia. Você vai aguçar a curiosidade dessa molecada numa idade muito precoce. Acho que a garotada vai para escola para aprender matemática, língua portuguesa, história e, se possível, um pouquinho de educação moral e cívica, que hoje não existe mais.

ÉPOCA – Em discurso, o senhor disse que “se um garoto tem um desvio de conduta (de orientação sexual), ele tem que ser direcionado para o caminho certo. Nem que seja pelas palmadas”. O senhor não teme estimular casos de violência dentro de casa, que podem levar a agressões físicas graves e até a morte?

Prof. Lucas Rocha

Bolsonaro – Essa política de defender o coitadinho já está aí desde que o Figueiredo saiu e olha como está a situação da educação no país hoje em dia. O professor tem preocupação de dar nota baixa porque ele pode apanhar do aluno. No meu tempo, os meus colegas tinham medo de comentar nota baixa com os pais. Eu não quero abrir mão de dar umas palmadas na minha filha se preciso for. Tem um projeto de lei criminalizando isso aí. O espancamento, que é uma lesão física, está previsto em lei que você não pode, é crime. Mas, quando um filho nosso começa a ter desvios, ter comportamento violento, você pega uma cinta, dá três lambadas e ele se endireita. E se você pode direcionar o comportamento agressivo, porque não o comportamento delicado demais? Eu tenho pavor, Deus me livre um filho meu começar a entrar para esse lado de ser delicado demais.

ÉPOCA – O senhor acha que falar mal de gays publicamente é um direito?

Bolsonaro – Qual o problema? Eu vou continuar criticando porque eles querem ser uma classe de primeira categoria. É o plano do Projeto de Lei 122 [que criminaliza a homofobia] que está no Senado. Se aprovar aquele projeto e um dia eu tiver que aprovar alguém comissionado, eu já nem pego o funcionário se perceber que joga no outro time. Isso porque, na hora de ser mandado embora, você nunca sabe o que ele vai alegar. Olha que absurdo, numa escola, dois moleques de 16 anos começam a trocar beijos e, se o diretor advertir, começa com três anos de detenção. Quer dizer, começa com “kit gay” na escola, uma proibição como do PL 122, mais a lei da palmada, esse país vai virar terra de ninguém.

Revista Época, março de 2011.

As mulheres não são homens (BOAVENTURA SANTOS)

A cultura patriarcal tem uma dimensão particularmente perversa: a de criar a ideia na opinião pública que as mulheres são oprimidas e, como tal, vítimas indefesas e silenciosas. Este estereótipo torna possível ignorar ou desvalorizar as lutas de resistência e a capacidade de inovação política das mulheres.

Boaventura de Sousa Santos

No passado dia 8 de março celebrou-se o Dia Internacional da Mulher. Os dias ou anos internacionais não são, em geral, celebrações. São, pelo contrário, modos de assinalar que há pouco para celebrar e muito para denunciar e transformar. Não há natureza humana assexuada; há homens e mulheres. Falar de natureza humana sem falar na diferença sexual é ocultar que a “metade” das mulheres vale menos que a dos homens. Sob formas que variam consoante o tempo e o lugar, as mulheres têm sido consideradas como seres cuja humanidade é problemática (mais perigosa ou menos capaz) quando comparada com a dos homens. À dominação sexual que este preconceito gera chamamos patriarcado e ao senso comum que o alimenta e reproduz, cultura patriarcal.

A persistência histórica desta cultura é tão forte que mesmo nas regiões do mundo em que ela foi oficialmente superada pela consagração constitucional da igualdade sexual, as práticas quotidianas das instituições e das relações sociais continuam a reproduzir o preconceito e a desigualdade. Ser feminista hoje significa reconhecer que tal discriminação existe e é injusta e desejar activamente que ela seja eliminada. Nas actuais condições históricas, falar de natureza humana como se ela fosse sexualmente indiferente, seja no plano filosófico seja no plano político, é pactuar com o patriarcado.

A cultura patriarcal vem de longe e atravessa tanto a cultura ocidental como as culturas africanas, indígenas e islâmicas. Para Aristóteles, a mulher é um homem mutilado e para São Tomás de Aquino, sendo o homem o elemento activo da procriação, o nascimento de uma mulher é sinal da debilidade do procriador. Esta cultura, ancorada por vezes em textos sagrados (Bíblia e Corão), tem estado sempre ao serviço da economia política dominante que, nos tempos modernos, tem sido o capitalismo e o colonialismo. Em *Three Guineas* (1938), em resposta a um pedido de apoio financeiro para o esforço de guerra, Virginia Woolf recusa, lembrando a secundarização das mulheres na nação, e afirma provocatoriamente: “Como mulher, não tenho país. Como mulher, não quero ter país. Como mulher, o meu país é o mundo inteiro”.

Durante a ditadura portuguesa, as Novas Cartas Portuguesas publicadas em 1972 por Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, denunciavam o patriarcado como parte da estrutura fascista que sustentava a guerra colonial em África. “Angola é nossa” era o correlato de “as mulheres são nossas (de nós, homens)” e no sexo delas se defendia a honra deles. O livro foi imediatamente apreendido porque justamente percebido como um libelo contra a guerra colonial e as autoras só não foram julgadas porque entretanto ocorreu a Revolução dos Cravos em 25 de Abril de 1974.

Prof. Lucas Rocha

A violência que a opressão sexual implica ocorre sob duas formas, hardcore e softcore. A versão hardcore é o catálogo da vergonha e do horror do mundo. Em Portugal, morreram 43 mulheres em 2010, vítimas de violência doméstica. Na Cidade Juarez (México) foram assassinadas nos últimos anos 427 mulheres, todas jovens e pobres, trabalhadoras nas fábricas do capitalismo selvagem, as maquiladoras, um crime organizado hoje conhecido por femicídio. Em vários países de África, continua a praticar-se a mutilação genital. Na Arábia Saudita, até há pouco, as mulheres nem sequer tinham certificado de nascimento. No Irão, a vida de uma mulher vale metade da do homem num acidente de viação; em tribunal, o testemunho de um homem vale tanto quanto o de duas mulheres; a mulher pode ser apedrejada até à morte em caso de adultério, prática, aliás, proibida na maioria dos países de cultura islâmica.

A versão softcore é insidiosa e silenciosa e ocorre no seio das famílias, instituições e comunidades, não porque as mulheres sejam inferiores mas, pelo contrário, porque são consideradas superiores no seu espírito de abnegação e na sua disponibilidade para ajudar em tempos difíceis. Porque é uma disposição natural. Não há sequer que lhes perguntar se aceitam os encargos ou sob que condições. Em Portugal, por exemplo, os cortes nas despesas sociais do Estado actualmente em curso vitimizam em particular as mulheres. As mulheres são as principais provedoras do cuidado a dependentes (crianças, velhos, doentes, pessoas com deficiência). Se, com o encerramento dos hospitais psiquiátricos, os doentes mentais são devolvidos às famílias, o cuidado fica a cargo das mulheres. A impossibilidade de conciliar o trabalho remunerado com o trabalho doméstico faz com que Portugal tenha um dos valores mais baixos de fecundidade do mundo. Cuidar dos vivos torna-se incompatível com desejar mais vivos.

Mas a cultura patriarcal tem, em certos contextos, uma outra dimensão particularmente perversa: a de criar a ideia na opinião pública que as mulheres são oprimidas e, como tal, vítimas indefesas e silenciosas.

Este estereótipo torna possível ignorar ou desvalorizar as lutas de resistência e a capacidade de inovação política das mulheres. É assim que se ignora o papel fundamental das mulheres na revolução do Egipto ou na luta contra a pilhagem da terra na Índia; a acção política das mulheres que lideram os municípios em tantas pequenas cidades africanas e a sua luta contra o machismo dos líderes partidários que bloqueiam o acesso das mulheres ao poder político nacional; a luta incessante e cheia de riscos pela punição dos criminosos levada a cabo pelas mães das jovens assassinadas em Cidade Juarez; as conquistas das mulheres indígenas e islâmicas na luta pela igualdade e pelo respeito da diferença, transformando por dentro as culturas a que pertencem; as práticas inovadoras de defesa da agricultura familiar e das sementes tradicionais das mulheres do Quênia e de tantos outros países de África; a resposta das mulheres palestinianas quando perguntadas por auto-convencidas feministas europeias sobre o uso de contraceptivos: "na Palestina, ter filhos é lutar contra a limpeza étnica que Israel impõe ao nosso povo".

Boaventura de Sousa Santos é sociólogo e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Portugal).
Site Carta Maior, março de 2011.

Deus me livre de ser feliz (LUIZ FELIPE PONDÉ)

DEUS ME livre de ser feliz. Existem coisas mais sérias que a felicidade. Algum sabichão por aí vai dizer, sentindo-se inteligentinho: "Existem várias formas de felicidade!". E o colunista dirá: "Sou filósofo, cara. Conheço esse blá-blá-blá de que existem vários tipos de felicidade, mas hoje não estou a fim". Um bom teste para saber se o que você está aprendendo vale a pena é ver se o conteúdo em questão visa te deixar feliz.

Se for o caso e você tiver uns 40 anos de idade, você corre o risco de sair do "curso" engatinhando como um bebê fora do prazo de validade. A mania da felicidade nos deixa retardados.

Querer ser feliz é uma praga. Quando queremos ser felizes sempre ficamos com cara de bobo. Preste atenção da próxima vez que vir alguém querendo ser feliz. Mas hoje em dia todo mundo quer deixar todo mundo feliz porque agradar é, agora, um conceito "científico". Quem não agrada, não vende, assim como maçãs caem da árvore devido à lei de Newton. Mas eu, talvez por causa de algum trauma (fiz análise por 20 anos e acho que Freud acertou em tudo o que disse), não quero agradar ninguém.

Não considero isso uma "vantagem moral", mas uma espécie de vício. Claro, por isso tenho poucos amigos. Mas, como dizem por aí, se você tiver muitos amigos, ou você é superficial, ou eles são, ou os dois. Quanto aos meus alunos e leitores, esses eu nunca penso em deixar felizes, graças a

Deus. Desejo para eles uma vida atribulada, conflitos infernais com as famílias, dúvidas terríveis quanto a se vale a pena ou não ter filhos e casar.

Desejo que, caso optem por não ter família, experimentem a mais dura solidão da existência humana, porque, no fundo, não passam de egoístas. Mas se tiverem família, desejo que percebam como os filhos cada vez mais são egoístas porque querem ser felizes e livres.

Desejo para eles pressões violentas no mercado de trabalho. E jantares à meia-noite diante de um trabalho que não pode ficar para amanhã porque querem viajar e ter grana para gastar.

Quem quiser ser livre, que aguentar a insegurança da liberdade. Quem for covarde e optar por uma vida miseravelmente cotidiana que veja um dia sua filha jogar na sua cara que você foi um covarde. Especialmente, desejo um futuro cruel para quem acredita que "ser uma pessoa de bem" a protege de ser infiel, infeliz, abandonada e invejosa.

Espero que um dia descubram que, sim, eles têm um preço (apenas desejo que seja um preço alto) e que se vendam. Espero que percebam que seus pais não foram santos e parem com essa coisa de gente brega de classe média que tenta inventar uma "tradição ética familiar" que só engana bobo.

E por que digo isso? Porque hoje todos nós estamos um tanto infantilizados e só queremos que nos digam o que achamos legal.

O resultado é uma massa de obviedades. A tendência é transformar o pensamento público em autoajuda ou em "compromisso com um mundo melhor", o que é a mesma coisa.

Quem quer agradar é, no fundo, um frouxo. Vejamos alguns exemplos do produto "querer ser feliz". Começamos por quem acha que o seu "querer ser feliz" é superior e espiritualizado.

Talvez você queira virar luz quando morrer porque ser luz é legal (risadas). Deus me livre de querer virar luz quando morrer. Prefiro as trevas.

Se for para continuar vivendo depois de morto, prefiro viver no "meu elemento", as trevas, porque sou cego como um morcego.

Normalmente, quem quer virar luz quando morrer é gente feia ou magra demais. Mulheres bonitas vão para o inferno, logo...

E gente que acha que frango tem mãe (só porque ele "descende" do ovo de uma galinha, e ela de outro...) e por isso é crime matá-los? Trata-se de uma nova forma de compromisso com a "felicidade social e política".

Entre esses "felizes que desejam a felicidade para os frangos" existem pessoas de 40 anos com cérebro de dez e pessoas de dez anos que um dia terão 40, mas com o mesmo cérebro de dez. Não creio que mudem.

Hoje é Carnaval. Espero que você não tenha pegado aquele trânsito idiota de cinco horas para ser feliz na praia.

ponde.folha@uol.com.br - Folha de São Paulo, março de 2011.

Grandes e pequenos desejos (CONTARDO CALIGARIS)

OS ADOLESCENTES de hoje me parecem desejar de maneira tímida. Como já escrevi, surpreende-me que eles desejem pequeno. De fato, poderia estender essa constatação aos adultos de hoje. Não que eles deixem de desejar (isso só acontece em raras depressões graves), mas há, aparentemente, uma preferência contemporânea generalizada pelos desejos pequenos. Cuidado: um desejo não é pequeno porque seu objeto seria pouco relevante.

Tomemos, por exemplo, "Maria está a fim de cerejas" e "Antônia quer o fim de todas as guerras". Será que o desejo de Antônia é grande e o de Maria pequeno? Nada disso. Melhor nunca comparar desejos por sua suposta "nobreza" - até porque essa tal "nobreza" pode esconder motivações bem mais torpes do que uma saudável vontade de cerejas. Então, como diferenciar desejos grandes e pequenos?

Pois bem, há desejos fluidos, suscetíveis de infinitos deslizamentos, como se, de alguma forma, o objeto desejado fosse indiferente. Esses são desejos pequenos. Por exemplo, estou a fim de uma calça nova. Entro na loja e o tamanho 39 está em falta. Olho ao redor de mim e acabo comprando duas camisas que não têm nada a ver com a calça que eu desejava.

Quero rever "Cisne Negro", mas a sessão está lotada; nenhum drama, compro ingresso para "Bruna Surfistinha" (incidentemente: me dei bem, amei o filme). Também posso querer o fim de todas as guerras e, ao ver na TV uma ação do Greenpeace, decidir que de agora em diante só me importa o destino das baleias. Nesse caso, por se revelar facilmente substituível, o fim de todas as guerras é um desejo pequeno.

Prof. Lucas Rocha

Há um outro tipo de desejo, mais incômodo, que não admite a substituição. Quero circum-navegar a Terra de veleiro, quero vingar meu pai, quero produzir uma obra, construir um império, rezar em silêncio no deserto, comer cerejas a cada dia: se eles forem insubstituíveis, se sua insistência moldar nossa vida, esses desejos são grandes porque eles nos definem.

O desejo pequeno é ideal para uma sociedade que conta com o consumo para alimentar a produção e organizar as diferenças sociais. Desejos substituíveis garantem que a gente seja sempre levemente insatisfeito e levemente desejante, esvoaçando de objeto em objeto como uma abelha num campo de flores. Quanto ao desejo grande, que já foi ideal dominante, ele é hoje raro na prática, mas (anúncio de uma mudança dos tempos?) a sedução que ele exerce está crescendo.

Como Mônica Waldvogel (no "Entre Aspas", da Globo News, na última quinta) e o crítico da **Folha** Inácio Araújo (na Ilustrada de domingo), reparei que a safra do Oscar deste ano é peculiar: quase todos os filmes indicados ilustram desejos grandes. Estamos tão acostumados a desejar pequeno que desejar grande (e pagar o preço disso) nos parece ser um comportamento patológico (o cara enlouqueceu, está obcecado) ou, então, sinal de crise (os EUA devem estar muito mal se eles precisam idealizar esses heróis que desejam grande). Penso o contrário: patológico é desejar pequeno. E, se os Estados Unidos estão gostando de heróis que sonham grande, talvez eles estejam saindo da futilidade dos anos 90: o sinal não seria de crise, mas de saída da crise.

Recentemente, vários leitores e leitoras me perguntaram por que não escrevi sobre "Cisne Negro", que (alguns notaram) é um prato cheio para um psicanalista. Pois é, amei o filme e concordo com a ideia do prato cheio, mas acontece que, no filme, o que me comoveu não foi tanto o desabrochar da loucura quanto o heroísmo do desejo de perfeição da protagonista - um desejo grande.

Falando em desejo grande, "Bruna Surfistinha", que estreou na última sexta, é outro exemplo. O filme de Marcus Baldini não é uma apologia nem uma crítica moralista da prostituição: é um filme sobre o difícil e tortuoso caminho de alguém que quis ser livre. É a história de um desejo grande.

DESPEDIDA

Quase na hora em que Moacyr Scliar estava nos deixando, alguém postou no Twitter uma frase minha: "A literatura é o catálogo das vidas possíveis". Pois bem, pensei, os escritores deveriam ter o direito de continuar vivendo em qualquer uma das histórias que estão sendo e serão escritas por outros até o fim dos tempos. Numa delas, um dia, aliás, espero me reencontrar com Moacyr, para rir, contar casos insólitos e evocar lembranças de Porto Alegre.

ccalligari@uol.com.br - Folha de São Paulo, março de 2011.

O drama da avaliação (ARNALDO NISKIER)

DURANTE SÉCULOS, deixamos de considerar a avaliação como um fenômeno necessário na educação brasileira. De 20 anos para cá, no entanto, como pudemos verificar durante o tempo em que estivemos no Conselho de Educação, passamos a dar relevo à matéria, a começar pelo ensino superior.

Temos lembrança de um denso trabalho feito pelo então conselheiro Ib Gatto Falcão, sob o título "Avaliação continuada do ensino superior brasileiro", aprovado por unanimidade pela Câmara de Ensino Superior e pelo plenário do órgão normativo, que acabou depois dormindo nas gavetas do Ministério da Educação, como era hábito.

O assunto voltou com força, sobretudo nos últimos anos, na gestão do ministro Haddad, com a generalização dos procedimentos em todos os níveis de ensino.

Nesse assunto, o que tem acontecido é uma série de falhas (não é falta de sorte) na condução dos vários exames, com destaque para o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), que envolve mais de 3 milhões de jovens de ensino médio, o Enade (para o ensino superior) e o ProUni, hoje com mais de 1 milhão de inscrições no país inteiro. Erros conceituais, além de um precário sistema de utilização dos recursos da informática.

Tudo isso tem gerado uma grande insatisfação por parte de usuários do sistema, alunos e professores, colocando em risco a sua necessária continuidade. Entidades com a credibilidade de sindicatos patronais, como as confederações nacionais, vêm se debruçando sobre esses problemas - e disso resultou uma série de sugestões ao governo, de que daremos exemplos a seguir, para permitir o seu aperfeiçoamento.

Antes, convém frisar que o tema foi exaustivamente debatido em reuniões coordenadas pelo ex-ministro Ernane Galvêas, com sua imensa experiência de homem público. Está mesmo a merecer os reparos indicados:

1. O Ministério da Educação, num país de 190 milhões de habitantes, não tem estrutura adequada para efetivar uma fiscalização competente, que abranja as 27 unidades da Federação e um universo de quase 60 milhões de estudantes;

2. As provas do Enem demonstram que não há infraestrutura que isente o processo de erros lamentáveis e que não existe a conveniente inteligência tecnológica e logística; 3. Os exames devem ter menor periodicidade, e não serem feitos de forma anual; 4. A aventada ideia da criação da "Concursosbras" é profundamente negativa, pois ativa a burocratização sem a garantia de resultados compatíveis com as nossas esperanças, além de envolver custos desnecessários;

5. Se a execução deve ser descentralizada, a elaboração das provas poderia ficar sob responsabilidade do Ministério da Educação;

6. Poder-se-ia acreditar uma universidade pública em cada unidade federativa como polo para aplicação das provas, como ocorre nos Estados Unidos da América. Dessa maneira se garantiria a necessária descentralização.

ARNALDO NISKIER, doutor em educação, é membro da Academia Brasileira de Letras e presidente do Ciee (Centro de Integração Empresa-Escola)/Rio de Janeiro. **Folha de São Paulo, março de 2011.**

PIB cresce 7,5% e Brasil vira 7ª economia

Alta é a maior desde 1985, após queda em 2009; cenário é de desaceleração, com estimativas abaixo de 4% em 2011

Analistas apostam em crédito mais caro com prazos mais curtos; mercado de trabalho continua aquecido

PEDRO SOARES - DO RIO

O PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil cresceu 7,5% em 2010, maior taxa desde 1985, o que alçou a economia do país à posição de sétima maior do mundo.

Entre as grandes nações ricas e emergentes, a expansão brasileira só perdeu para as registradas por China e Índia no ano passado.

Mas essa é uma fotografia do passado: desde o segundo semestre, o cenário é de desaceleração e algumas projeções já indicam uma expansão abaixo de 4% em 2011.

Parte do crescimento de 2010 se deveu ainda à fraca base de comparação de 2009, quando o PIB, deprimido pela crise, caiu 0,6%. Difícil será expandir a economia neste ano sobre o elevado crescimento do ano passado e num cenário de aperto das políticas monetária e fiscal para conter a inflação crescente.

Diante disso, analistas revisam projeções. A LCA estima uma expansão de 3,6%, e a Tendências, 3,9%. As expectativas mais correntes no mercado indicavam 4,5%.

Se confirmadas as projeções, o resultado de 2011 poderá ficar pouco abaixo do crescimento médio do PIB nos oito anos de governo Lula: 4%. No período FHC, a taxa média ficou em 2,3%.

Nos dados do último trimestre de 2010, a freada ficou clara na indústria, que caiu 0,3% ante o terceiro trimestre. O PIB, nessa comparação, cresceu 0,7%, puxado pelo consumo das famílias e seu reflexo nos serviços.

A desaceleração se manterá no primeiro trimestre, prevê Thaíz Marzola Zara, economista da Rosenberg & Associados. E tende a se intensificar na indústria por conta do câmbio favorável às importações - que contam negativamente no PIB.

"Boa parte do consumo será suprida por importados."

Para a economista, as medidas do Banco Central de restrição do crédito (com prazo menores e de juros mais altos) já começaram "a esfriar a economia".

"O mercado de trabalho continua aquecido, mas o crédito vai encarecer e os prazos de financiamento já estão mais curtos", diz Alessandra Ribeiro, da Tendências Consultoria.

Para Roberto Olinto, coordenador de Contas Nacionais do IBGE, o crescimento de 2010 foi ditado justamente pela expansão do crédito (que o BC quer frear agora), da renda e do emprego, embora ele reconheça a ajuda da fraca base de 2009.

Juntos, diz, impulsionaram consumo e investimento. Até abril de 2010, segundo ele, os incentivos fiscais para a compra de veículos e eletrodomésticos com IPI reduzido também ajudaram.

Esses fatores, afirma, explicam o bom desempenho, em 2010, de setores como construção civil (11,4%), intermediação financeira (11,4%) e comércio (7,5%). A indústria cresceu 10,1% graças,

principalmente, à base de comparação mais fraca de 2009, ao crédito e às medidas de estímulo do início do ano.

"O ano passado teve crescimento muito bom, mas incompatível com o potencial de expansão atual da economia brasileira", diz Zara.

Folha de São Paulo, março de 2011.

Passa, Charlie Sheen! (BARBARA GANCIA)

A ESTA ALTURA, até a formiga que mora embaixo da pedra já sabe que o costureiro John Galliano não passa de um ser desprezível. E que o atropelador de ciclistas de Porto Alegre não possui temperamento para conviver em sociedade. E ainda que Charlie Sheen só ganhou 1 milhão de seguidores no Twitter no espaço de 24 horas porque a nós interessa (sim, também o adicionei) muito ver sangue.

A Narcisa não dorme há dias esperando dar de cara com Galliano e Sheen no Carnaval. Que Paula Burlamaqui, que nada! Queremos mais é ver Charlie Sheen mandando a Mangueira inteira entrar enquanto engole a AmBev de um trago só.

O mundo é cão, as imagens são em tempo real e não se fazem mais napoleões de hospício como antes. Sheen andou dizendo que colocaria Frank Sinatra no chinelo, imagine só, o maior farrista de todos.

Sei não, fico imaginando o ator de "Two and a Half Men" feito foca, equilibrando várias pedras de crack no nariz na frente de uma webcam e percebo que sou mais "Ol" Blue Eyes" com seu uísque agitado sobre o piano de Count Basie, ao contar piadas "risqué" para a plateia.

Alguém seria capaz de imaginar Frank Sinatra dando entrada em uma clínica para dependentes de drogas aconselhado por advogados que tentam driblar o seguro feito pelo estúdio ou os contratos assinados com a Warner e a CBS?

E esse Galliano, então: quem se importa com a ideologia do camarada que desenha as roupas ou o aspirador de pó que a gente utiliza? Mas, vem cá: esse batráquio com evidente problema de álcool que se diz fã de Hitler é homossexual, não? Bem, sendo assim, ele deveria lembrar que, se vivesse sob o nazismo, andaria com uma estrela na manga e dificilmente sobreviveria aos fornos.

É possível observá-lo no tal vídeo que o desgraçou, dizendo nitidamente ao casal que o está insultando: "Vocês são feios". Lembrou-me Vinicius, que era uma massa disforme esparramada dentro das calças e, ainda assim, tinha a audácia de pedir às feias que lhe perdoassem.

Alô, John Galliano! Você é careca, vesgo e tem orelha de abano. Pessoalmente, não tenho problema com isso. Mas, no seu gueto particular da moda, convenhamos, é tido como feio do Vale do Eco (feio... feio... feio...). Diga-me: será por isso que você anda por aí fantasiado de pirata da perna de pau? No seu universo, ser feio é pecado?

Freud explica que o costureiro tenha ido soltar suas lagartixas, por duas noites consecutivas, justamente no bar La Perle, da rue des Rosiers, que é a rua central de um bairro tradicionalmente judaico.

Freud gastaria saliva também para elucubrar que o Oriente Médio está explodindo e a turma só pensa em ver e rever o vídeo do atropelamento dos ciclistas. Barril do petróleo nas alturas e o importante é entrar no Twitter para saber o que o Charlie Sheen anda cheirando, fumando ou enfiando na orelha.

Não vi uma linha sobre as mulheres violentadas no Congo nos últimos dias. Mas as especulações sobre quem vai substituir Galliano estão por toda parte.

Somos uma cultura de comedores de carniça, de sanguessugas interessadas apenas em consumo e poder, e estamos cada dia mais infantilizados. Nossa capacidade crítica foi atropelada por alguma betoneira dirigida por Charlie Sheen.

barbara@uol.com.br

www.barbaragancia.com.br

@barbaragancia - Folha de São Paulo, março de 2011.

Horas de espera saltando pocinhas (MALU FONTES)

O MARKETING tem, sim, o poder de matar ou fazer explodir positivamente um jeito de se fazer Carnaval em Salvador. O debate é velho, mas não mais velho que a repetição das mesmas imagens, dos mesmos enquadramentos que, durante uma semana, se vê, com raras exceções, em todas as emissoras locais de TV. Algumas dessas emissoras reivindicam para si e suas crias um protagonismo maior do que o da própria festa em si. E quando acha-se que já se viu tudo o que poderia haver de pior, eis que alguma transmissão vai ao ar para provar que tudo sempre pode piorar. Este ano a piora foi o caso da mocinha Lola Melnick (ucraniana, dizem), uma espécie de cover estéril da recém-falecida condessa Carola Scarpa (que Deus a tenha!). A curvilínea calipígia foi enviada pela emissora de Sílvia Santos para matar de vergonha os profissionais locais do jornalismo da TV Aratu, retransmissora do SBT em Salvador.

BAÚ – Acompanhada da de um Tiririca Cover, acometido do auto-engano trágico de achar-se engraçado, e de outro menino topetudo e sempre enfiado num colete, com cara de quem foi criado num playground paulistano tomando Toddy, Lola parecia ter desembarcado de Marte direto no estúdio do Homem do Baú. Como se diz, quanto mais envelhece, mais Sílvia Santos faz seu público de imbecil. Mas é fato que este, o público, parece ficar muito contente neste lugar de iôô. Cada fala de um dos integrantes nacionais do trio escalado para transmitir o Carnaval de Salvador dava a Casemiro Neto, Zé Bim e Léo do Pida, os responsáveis locais pela transmissão, um ar de sábios consultores carnavalescos importados da Biblioteca de Alexandria ou de hábeis e críveis redatores da Wikipédia.

Lola é uma dessas moças que aparecem na televisão, um monte de gente já viu seu rosto pelo menos uma vez na vida, mas ninguém sabe dizer quem ela é muito menos o que ela faz e do que ela vive. E isso nunca vai mudar. A ucraniana tem uma aparência inesquecível, pois remete imediatamente à impressão de alguém que extirpou meia dúzia de costelas para se transformar numa cintura com vida própria, assentada sobre quadris desproporcionais encapsulados em saias mais justas que as leis divinas. Outra característica da moça é que, se perguntada sobre qualquer questão prosaica sobre Salvador, Beirute, Apucarana, Tremembé ou a revolta na Líbia, por exemplo, ela provavelmente emitirá os mesmos ruídos sonoros, nenhum com sentido. Até ao concorrente Faustão a moça se referiu no domingo de Carnaval. Não, não foi por ousadia ou risco criativo, não, mas por falta de noção mesmo.

DINOSSAUROS - É fato que o Carnaval de Salvador divide-se em três e que apenas uma dessas modalidades dá as cartas do negócio quando se trata de ganhar dinheiro, gerar lucro, tornar escancarado o sorriso de donos de blocos e de hotéis e os representantes políticos que estão no mundo para, basicamente, fazer essa holding de gente cada vez mais feliz. Afora esse Carnaval, há os últimos estertores do povo teimoso que insiste em dar vida às manifestações populares, que se recusa a deixá-las ser dizimadas como foram os dinossauros e que cria o Circuito Caramuru, enche o Pelourinho de gente e dá vida e fôlego à Mudança do Garcia. E, por último e em muito maior quantidade, o povo que, com uma paciência de gado e saltitando entre uma pocinha e outra do mijo que escorre caudaloso por todo o circuito vip, se submete a esperar coisa de horas para dar uns pulinhos animadérrimos com alguma das estrelas coroadas da festa. E aqui merece aplausos quem, de um jeito ou de outro, é um dos abençoados do deus-mercado e não dá uma banana para o povo que não pode pagar por um bloco de cordas. Nunca será demais incentivar quem tem fama, talento, poder e prestígio e toca e canta sem cordas no carnaval, um dia que seja.

VAQUEIRO - A festa dos Camarotes, assim como sua transmissão pelas emissoras de TV, são extensões privilegiadas da festa vip dos blocos, mas têm uma outra função secundária. A partir deles, de dentro deles e somente do alto deles, é possível se ter uma ideia da “luta de classes coreografada” na terra do axé. Em Ondina, na rua interna que ladeia a Avenida Oceânica, vê-se um mar de gente a perder de vista, parado, posicionado, esperando o momento mágico em que o ídolo vai passar. A passagem dura poucos minutos, as pessoas se acabam de dançar, pular, sair do chão, jogar mãos para o alto, e também se acabam de brigar, bater e apanhar entre si, para se aquietarem de novo, passivos, como cordeiros sem cordas, esperando um novo vaqueiro passar, tangendo-os e à sua alegria programada e breve. E em 2012 tudo se repetirá de novo, do mesmo jeito, para o estado das coisas permanecer também o mesmo. Só muda se o marketing quiser. E este parece não querer.

Malu Fontes é jornalista, doutora em Comunicação e Cultura e professora da Facom-UFBA. Texto publicado originalmente em 13 de março de 2011, no jornal A Tarde, Salvador/BA. maluzes@gmail.com

Ninguém mora onde não mora ninguém (MÁRCIA TIBURI)

Pequena reflexão sobre as pessoas abandonadas nas ruas das grandes cidades

NAS GRANDES CIDADES, pessoas que não têm onde morar são contraditoriamente chamadas de “moradores” de rua. É um eufemismo que acoberta o quadro da injustiça social típica das sociedades em fase de capitalismo selvagem, aquele no qual a eliminação do outro é a regra. Que tantos e cada vez mais vivam nas ruas é uma prova de que o famoso instinto gregário do ser humano se esfacela, ou assume formas cada vez mais enganadoras porquanto mais voláteis em uma sociedade que é, ao mesmo tempo, de massas e de indivíduos que não têm a menor noção do que significa o outro.

O aumento das relações virtuais em detrimento das relações “atuais” é a própria perversão das massas marcadas pela anulação física individual em nome de um eu abstrato, sustentado apenas como imagem, como avatar. E que tem como correspondente um outro reduzido à sua mera abstração. Há, certamente, exceções para a regra da distância com que o eu mede o outro. Dizem as pesquisas que o número de pessoas vivendo sem teto cresceu nos últimos anos por causa do desemprego. E são milhares. Motivos além do desemprego podem confundir quanto ao sentido (e o sem sentido) da complexa experiência vivida por essas pessoas. Afinal, pode-se encontrar entre os que vivem nas ruas até mesmo quem não se sente em situação de injustiça social. A população das ruas das grandes cidades é composta de habitantes (ou desabitantes) provisórios ou não, que estão ali por motivos diversos. Muitas vezes são afetivos. Não é raro encontrar ricas histórias de vida entre as pessoas sem morada, desde aquele que renunciou à vida burguesa por considerá-la insuportável, até quem por meio de inesperadas leituras filosóficas criou um significado para o ato de “habitar” a transitoriedade, ou seja, “desabitare” intransitivamente e estar assim, na mera existência.

Que não habitar uma casa possa significar uma experiência existencial é, no entanto, apenas a exceção que confirma a regra da contemporânea injustiça social a cuja base racional e afetiva tantos entregam as forças. Renunciar, desistir, jogar a toalha, permitir-se a impotência como o Bartleby, de Melville, ou o fracasso, como um dia afirmou J. L. Borges, pode ser o único modo de viver em um mundo marcado pela melancolia e pelo sem sentido em termos políticos, estéticos e metafísicos.

O cenário social contemporâneo é o espaço e o tempo dessa possibilidade de fracasso que diz respeito à potencialidade mais profunda de nossos tempos. É a forma mais terrível do mal, a da banalização que se estabelece na vida humana como força lógica. Como um “deixar acontecer” ao qual damos o nome de “abandono”, esse ato de exílio, de ostracismo, de curiosa rejeição sem ação. A mendicância das pessoas é apenas a verdade íntima do capitalismo como mendicância da própria política deixada a esmo em nome de antipolíticos interesses pessoais. A mendicância é a imagem social das escolas, dos hospitais públicos, do salário mínimo...

Democracia de teto e paredes

“Moradores de rua” são a figura mais perfeita do abandono que está no imo da devoração capitalista. Convive-se com eles nos bairros elegantes das cidades grandes como se fossem um estorvo ou, para quem pensa de um modo mais humanitário, como um problema social a ser resolvido filantropicamente. Alguns moram em lugares específicos, têm sua “própria” esquina, carregam objetos de uso aonde quer que vão, outros perambulam a esmo desaparecendo da vista de quem tem onde morar. São meras fantasmagorias aos olhos de quem não é capaz de supor sua alteridade. Esmagados pela contradição de morar onde não mora ninguém, não têm o direito de ser alguém. Partilham o deslugar. E, no entanto, praticam o mesmo que os outros dentro de suas casas: dormem, comem, fazem sexo. A condição humana é o que se divide por paredes ou na ausência delas. A democracia torna-se uma questão de nudez e exposição da vida íntima.

Ninguém “mora na rua”; antes, quem está na rua não mora. Quem está fora dos básicos direitos constitucionais está excluído da sociedade. E muito mais além da Constituição, está excluído pelo próprio status com que é medido. O status de “morador de rua” é apenas um modo de incluir os excluídos na ordem do discurso acobertadora do fascismo prático de cada dia oculto sob o véu da autista sensibilidade burguesa. Se o princípio de autoconservação a qualquer custo é a base da ação de indivíduos unidos na massa, está imediatamente perdida a dimensão do outro sem a qual não podemos dizer que haja ética ou política. Mesmo sob o status de morador de rua, o mendigo da nossa esquina é a prova do fracasso de todos os sistemas. Se as estatísticas não mudarem comprovando que a tendência da exceção pode ser a regra, talvez a democracia de teto e paredes não sirva mais a ninguém em breve. Só que às avessas.

Reconhecido pelo cão (VLADIMIR SAFATLE)

Os animais são capazes de propiciar ao homem o retorno a algo anterior à condição humana

QUANDO ULISSES chega enfim à sua casa, ele chega travestido, por Atenas, sob a forma de um velho mendigo. Na soleira da porta de casa estava seu cão, Argo. No momento de sua partida, Argo era um filhote. Agora, velho e pulguento, ele não tem força sequer para ficar em pé. No entanto, quando Ulisses aparece, Argo não tem dúvida. Ele o reconhece e levanta, correndo trôpego em direção ao dono. Ulisses abraça seu cão cheio de pulgas e enfraquecido. O cão morre em seus braços, como quem estivesse apenas à espera de um reencontro.

O cão reconheceu Ulisses, mas sua mulher não. Mesmo tendo recoberto sua forma, isso depois da batalha com os pretendentes que haviam se apossado de sua casa, Penélope não está segura de ter a seu lado Ulisses, o marido pelo qual ela tanto esperou. Na verdade, Penélope precisa de uma prova, ela precisa testar a memória daquele que diz ser seu marido. É por meio da memória que se dará o reconhecimento, a partilha entre o certo e o incerto. Ulisses terá de mostrar que sabe do que, afinal, sua cama é feita. Ele terá de recitar, mais uma vez, as promessas de enraizamento que haviam constituído o leito que ele partilhara com sua mulher. O reconhecimento é, assim, uma recognição que se apoia na capacidade de síntese da memória.

Mas, para o cão, Ulisses não precisou mostrar nada. Para além das aparências, o cão aparece na Odisseia como o único capaz de reconhecer algo como o "ser bruto" de Ulisses. Eis um detalhe que não deveria nos deixar indiferentes. Pois ele nos coloca uma questão: haveria algo em nós que só é reconhecido através dos olhos de um animal? Se nem o amor da mulher que sempre esperou tinha certeza, se apenas o cão tinha certeza, então poderíamos nos perguntar de onde vem a certeza do cão. Pois talvez ele encontrasse sua certeza no resto de animalidade que existe em nós, ou seja, naquilo que para um grego é inumano, naquilo que não porta a imagem do homem.

Um "aquém" da individualidade

Não deixa de ser irônico pensar que, ao voltar para casa depois de um tempo incontável de exílio, é essa qualidade inumana que primeiro indica o retorno ao "meu lugar". É isso que só é reconhecido entre os animais, ou seja, entre os que estão, de certa forma, aquém do homem, que funda um pertencimento singular. Aqui a singularidade está vinculada à capacidade que tenho de saber deixar visível o que não é exatamente humano, o que não é atributo da humanitas.

É interessante lembrar tal ponto porque estamos tão presos à procura de reconhecimento por outros sujeitos, precisamos tanto do assentimento fornecido por outros sujeitos que esquecemos como, muitas vezes, o que nos reconforta, o que nos diz realmente que estamos em casa é ser reconhecido por um animal, ser reconhecido por algo que, afinal, não é uma consciência de si. Os animais percebem os animais que ainda somos, eles nos lembram de um "aquém" da individualidade a respeito da qual nunca conseguimos nos afastar totalmente.

Talvez seja por isso que os seres humanos nunca conseguiram ficar totalmente longe dos outros animais. Mesmo no zoológico, mesmo domesticados, os outros animais lembram-lhe algo que ficou para trás, mas cuja importância é aterradora. Pois Ulisses certamente se sentiria o pior dos homens se nem sequer o cão soubesse quem ele era. Seria uma desterritorialização insuportável não ser reconhecido sequer pelo cão. Talvez não seja por outra razão que Freud, doente e aquebrantado ao final de sua vida, compreendeu que seu tempo acabara quando até seu cão dele se afastou, graças ao cheiro repulsivo que vinha de seu maxilar. Foi quando o cão lhe virou as costas que a última coisa que ainda lhe fazia suportar a vida desabou. Depois dessa recusa, ele não era mais ninguém. Ele sabia que não tinha mais lugar algum. Foi a partir desse momento que Freud morreu.

vladimirsafatle@revistacult.com.br - Revista CULT, mar. de 2011